

# PERCEPÇÃO SEMÂNTICA E PERCEPÇÃO SEMIÓTICA: PROPOSTAS PARA UM MODELO PERCEPTIVO DO SIGNO LINGUÍSTICO.

## PERCEPTION SEMANTIQUE ET PERCEPTION SEMIOTIQUE: PROPOSITIONS POUR UN MODELE PERCEPTIF DU SIGNE LINGUISTIQUE

Régis Missire  
Université de Toulouse 2  
[regis.missire@univ-tlse2.fr](mailto:regis.missire@univ-tlse2.fr)

Tradução do original francês: Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista  
UFPB/CNPq  
[mariadefatimambatista@gmail.com](mailto:mariadefatimambatista@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo pretende considerar o tema percepção tal como foi desenvolvido no âmbito da concepção morfossemântica da atividade da linguagem, segundo a qual, a linguagem, antes de ser concebida em sua capacidade para fazer o registro de uma percepção pré-linguística ou testemunhar os efeitos de suas regularidades gramaticais, deve ser problematizada sobre o como ela própria tem sido percebida, tanto no plano do significante, comumente admitido, como no plano do significado, que o é em menor escala. Tal concepção toma emprestado suas formas de problematização aos modelos perceptivos da Gestalt, fundamentando-se na hipótese da percepção semântica, para a qual a interpretação, compreendida como atribuição de sentido a uma sequência linguística, ganha espaço ao ser modelizada como uma atividade de percepção/ elaboração de fundamentos e formas semânticas. Esta hipótese da percepção semântica se apoia numa interpretação renovada de trabalhos em psicologia da percepção e em neuropsicologia (RASTIER: 1991) e consiste essencialmente em acompanhar, sobre o plano do significado, os princípios perceptivos que sabemos que regem a percepção sensível (cf por exemplo, as operações de dissimilação de assimilação, o princípio da boa continuidade, etc).

**Palavras chave:** Percepção semântica. Percepção semiótica. Modelo perceptivo do signo linguístico.

**Résumé:** Cet article entend considérer le thème de la perception tel qu'il est développé dans le contexte de la conception morpho-sémantique de l'activité langagière, selon quelle langue, avant d'être conçu en sa capacité à enregistrer une perception pré-linguistique ou à assister à la Les effets de ses régularités grammaticales doivent être problématisés sur la façon dont il a été perçu lui-même, à la fois dans le plan du signifiant communément accepté et dans le plan du sens, qui est de plus petite ampleur. Cette conception emprunte ses formes de problématisation aux modèles perceptifs de la Gestalt, basés sur l'hypothèse de perception sémantique, pour laquelle l'interprétation, comprise comme l'attribution de sens à une séquence linguistique, gagne de la place lorsqu'elle est modélisée comme une activité de perception. élaboration des fondamentaux et des formes sémantiques. Cette hypothèse de perception sémantique repose sur une interprétation renouvelée des travaux en psychologie de la perception et en neuropsychologie (RASTIER: 1991) et consiste essentiellement à suivre, sur le plan du sens, les principes perceptifs que nous connaissons qui régissent la perception sensible (cf. par exemple). , opérations d'assimilation dissimilation, principe de bonne continuité, etc.).

**Mots-clés:** Perception sémantique. Perception sémiotique. Modèle perceptuel du signe linguistique.

### 1) Percepção semântica e percepção semiótica: problemática

Vamos considerar o tema percepção tal como foi desenvolvido no âmbito da concepção morfossemântica da atividade da linguagem, segundo a qual, a linguagem, antes de ser concebida em sua capacidade para fazer o registro de uma percepção pré-linguística ou testemunhar os efeitos de suas regularidades gramaticais, deve ser

problematizada sobre o como ela própria tem sido percebida, tanto no plano do significante, comumente admitido, como no plano do significado, que o é em menor escala. Tal concepção toma emprestado suas formas de problematização aos modelos perceptivos da Gestalt, fundamentando-se na hipótese da percepção semântica, para a qual a interpretação, compreendida como atribuição de sentido a uma sequência linguística, ganha espaço ao ser modelizada como uma atividade de percepção/elaboração de fundamentos e formas semânticas. Esta hipótese da percepção semântica se apoia numa interpretação renovada de trabalhos em psicologia da percepção e em neuropsicologia (RASTIER: 1991) e consiste essencialmente em acompanhar, sobre o plano do significado, os princípios perceptivos que sabemos que regem a percepção sensível (cf por exemplo, as operações de dissimilação de assimilação, o princípio da boa continuidade, etc.). Deste ponto de vista, importa sublinhar que os trabalhos encontrados no interior deste quadro problemático, desde vinte anos, visavam menos o desenvolvimento de uma nova teoria semântica do que o domínio de uma modelização para uma teoria semântica já existente da qual se pode considerar que a semântica interpretativa de François Rastier, síntese das semânticas estruturais continentais, é uma equivalente bastante justa. Neste caso, o modelo morfossemântico permite convocar, numa visão heurística recursos conceituais das teorias perceptivas, o princípio geral que consiste em estabelecer uma equivalência entre conceitos da teoria de origem (ou seja, uma teoria semântica) e da teoria de destino (ou seja, uma teoria da percepção que joga como domínio de modelização) de modo a fazer trabalhar, em seguida, as propriedades e qualidades específicas da teoria de destino. Por exemplo, propondo definir um fundamento semântico como um feixe de isotopias e uma forma semântica, como um agrupamento estruturado de semas, asseguramos esta tradução mínima, as especificidades das relações entre fundos e formas conhecidas, aliás, pelas ocorrências descobertas nos estudos sobre a percepção que permitem, em seguida, eventualmente conhecer melhor a relação entre sema e isotopia: o valor heurístico da analogia inicial consiste, assim, precisamente, no acréscimo qualitativo trazido pelo domínio de modelização convocado. No cruzamento da semântica estrutural com as pesquisas cognitivas, que integram o tema perceptivo, tal quadro problemático mostrou capacidades descritivas esclarecedoras, notadamente para aproximar os fenômenos da textualidade do ponto de vista da atividade interpretativa. Sem pretender atingir a exaustividade, vamos mencionar, em particular, o uso que foi feito da ideia fundamental de transferência com os conceitos de metamorfismo e de mereomorfismo para trabalhar

as mediações entre os diferentes níveis de análise, do morfema ao texto, ou ainda, numa perspectiva mais literária, a reformulação esclarecedora dos problemas de tema e do tópico textual e intertextual (Rastier: 2001). Mais recentemente, os desenvolvimentos em torno do conceito de paratopia permitiram propor descrições de produções linguísticas que repousam sobre as operações de amálgama e de desacumulação semântica cujo alcance parecia generalizável tanto em relação às produções escritas, como às orais.

Assim, o desenvolvimento de conceitos, especialmente descritivos, a reflexões que foi levada a efeito tem, igualmente, consistido sobre um plano mais teórico para avaliar as consequências que a escolha de tal domínio de modelização poderia ter retorno sobre a teoria da semântica linguística concernente: de fato o acréscimo qualitativo evocado mais alto deveria, em princípio, poder ser relido, de forma coerente, no *corpus* teórico inicial. Por exemplo, se é possível descrever em um modelo do tipo morfológico uma “transição sem solução de continuidade” desde os fundos às formas e se, aliás, este conceito parece esclarecedor para dar conta de um fenômeno semântico concreto, poder-se-ia, entretanto, reencontrar dificuldades para reformulá-lo no quadro teórico inicial: a expansão desejável dos fenômenos descritos, trazida, pelo recurso ao domínio de modelização, questiona, assim, a teoria de volta. Neste contexto, foi possível sugerir que o modelo morfossemântico que o requeira evoluções conceituais no seio da semântica interpretativa, na qual encontramos modalidades interessantes dentro de certos aspectos do energetismo coseriano, de um lado e, de outro, das propostas para uma teoria das formas semânticas (Cadiot Visetti: 2001, Visetti Cadiot: 2006, Missire: 2005).

As reflexões contidas neste artigo se situam no mesmo nível das relações entre teoria linguística e domínio de modelizações, incidindo, particularmente, sobre as relações que tal modelo perceptivo da atividade da linguagem mantém, ou poderia manter, com certas dualidades conceituais as mais reconhecidas em linguística (língua/fala, significado/significante, sintagma/paradigma, etc.) e, mais largamente, com o conceito de signo. Vale sublinhar, com efeito, que os conceitos descritivos propostos no quadro dos trabalhos sobre a percepção semântica têm sido, no final das contas, elaborados de maneira relativamente independente dos conceitos pré-citados, o que deixa pendentes questões importantes, como por exemplo: de que forma compreender esta elaboração/percepção de fundos e de formas semânticas, segundo a qual considera a atividade da linguagem em relação com a hipótese reguladora da distinção

langue/parole? Que estatuto relacionar com o princípio das unidades bifaces, desde que a percepção é posta como imediato semântico? Como pensar a relação entre grandezas cuja manifestação se abre sobre janelas temporais largas, com a intuição de que as unidades, se as compreendemos como gestalten, deveriam, portanto, manifestar-se em formas que permitam a memorização. Em outras palavras, desejaríamos aqui avaliar a maneira de conciliar o tema perceptivo e o tema semântico, desde que não o observemos, no estado de relação, como necessários imediatos entre aqueles dois planos de contextualização e problematização. Outra forma, talvez mais precisa, de formular o problema consiste em dizer que o essencial dos avanços deste quadro problemático constituiu-se em transpor os princípios gerais de organização do campo perceptivo imediatamente sobre o plano do significado, sem problematizar, por completo, as relações entre plano do significado e do significante, dito de outra forma, sem que a questão da semiose seja ela própria posta de outra forma a não ser como a do encontro/correlação de dois planos adquiridos independentemente. Sem dúvida, é necessário, imediatamente, evidenciar este propósito, lembrando que respostas têm sido dadas à questão das relações entre planos no aspecto morfossemântico (problemática da correlação das formas semânticas e das formas expressivas (Rastier: 2007, Missire: 2007), modelo “plat” da enunciação que repousa sobre uma concepção clássica do nível semiótico (Rastier: 2003) ou, ainda, mais recentemente, uma concepção semio-hemenêutica da passagem (Rastier: 2007), mas o que permanece é uma forma de compartimentar a primeira entre planos: os temas perceptivo e semiótico estão bem copresentes na teoria, mas a semiose é sempre o trabalho do reencontro (sincronização/divisão) na problemática das formas semânticas e expressivas, condicionalidade semio-hemenêutica na problemática da passagem) entre dois planos cuja separação não é, realmente, problematizada, uma vez que ela é, na verdade, dizer constitutivo da semântica como disciplina. Porém, é necessário constatar um hiato neste ponto de vista, pois o recurso para uma inspiração fenomenológica de modelizar a atividade da linguagem se encontra, no entanto, precedido por uma separação inicial, oriunda da teoria linguística (i.é planos do significante e do significado) não teorizada no quadro de uma teoria do campo perceptivo.

Sem dúvida, atingimos aqui o limite da relação entre teoria linguística e heurística perceptiva, o que, aliás, pode-se considerar, perfeitamente, como uma pedra angular, para a constituição de uma semântica científica que implicaria, a certo momento, substituir princípios externos, como aquele da semioticidade, pelo problema

fenomenológico da constituição das objetividades, notadamente semióticas. Parece, todavia, legítimo interrogar-se sobre a possibilidade de prolongar o tema fenomenológico na perspectiva morfossemântica, o que poderia consistir diretamente, em confrontar a questão da *fenomenalidade do semiótico*. Se os lingüistas parecem na ter feito desta questão da percepção semiótica uma prioridade em sua agenda, a fenomenologia da linguagem, ao contrário, retomou o tema várias vezes, como podemos exemplificar com os dois extratos seguintes de *La Prose du monde* de Merleau-Ponty (1969:p. 162-163):

Em um instante, este fluxo de palavras se anula como barulho, lança-nos em cheio o que ele quer dizer e se nós o respondemos com palavras ainda, é sem o querer: nós não pensamos absolutamente nas palavras que dizemos, ou que nos dizem a não ser na mão que apertamos [...] A palavra em exercício não se contenta em designar pensamentos como um número, na rua, que designa a casa do meu amigo Paulo – mas, verdadeiramente, metamorfoseia-se neles como eles se metamorfoseiam nela”: “metamorfose pela qual as palavras cessam de ser acessíveis a nossos sentidos e perdem seu peso, seu ruído, e suas diretrizes, seu espaço para tornarem-se pensamentos. É bem este o mistério da linguagem ( citando J. Paulhan no final da passagem). Quando alguém (...) soube exprimir-se, os signos são logo esquecidos, permanece unicamente o sentido, e a perfeição da linguagem passa despercebida. (p.16).

A ocorrência que lemos aí, notadamente, é a de que este “mistério”, esta “perfeição” da linguagem reside, todavia, numa indissolubilidade dos planos do significante e do significado *metamorfoseia-se* e, numa dissimetria inata entre eles, o “sentido”, o “pensamento” constituem, finalmente, o essencial daquilo que é percebido. Afinal de contas é, assim, uma confirmação da incidência da hipótese da percepção semântica, podendo-se identificar aqui a ocorrência de uma lei essencial da organização do campo perceptivo que deve se repartir entre figura e fundo. E se concebemos aprofundar a questão semiótica na problemática perceptiva, parece, como primeira aproximação lógica, admitir que significantes e significados não podem, ao mesmo tempo, estar no centro do campo: na atitude mais frequente do locutor, o sentido daquilo que é dito ocupa, de fato, o centro da atenção, enquanto o murmúrio da linguagem é relegado à sua periferia — e é assim que podemos entender a citação acima de Merleau-Ponty. Percebendo este simples fato, temos, então, os meios para correlacionar um princípio semiótico (relação necessária entre significante e significado) e um princípio perceptivo que aprova o primeiro como uma repartição do campo entre centro e periferia. Esta conexão da dissimetria perceptiva e da problemática semiótica já tinha sido clara e precisamente descrita por Husserl nas *Lições sobre a teoria da significação* (1995: p.46) em particular na quarta parte do primeiro capítulo sobre a “consciência de

som e de palavra e consciência de significação”: “esta consciência de significação se constrói sobre a consciência de sua palavra (...). É uma inegável ligação de lados: o som da palavra e a objetividade nomeada não podem, por qualquer que seja a razão, permutar seus lugares. O signo da escrita que lemos se sustém diante de nossos olhos sobre o papel. Mas não é a ele que se dirige na consciência normal da significação da palavra (aqui da leitura) nosso “interesse”. Lançamos a visão mais acima e, portanto, nós não o percebemos no sentido mais pleno, bem conhecido, no qual retornamos em direção a um objeto da forma como ele é percebido.” (1995: p. 39). E depois de ter apresentado um conjunto de distinções que permitem precisar a oposição de base figura/fundo em função da intensidade com a qual a atenção investe no campo<sup>1</sup>. Husserl faz corresponder a percepção do significante a uma percepção primária e a do significado ao tema a que se refere, situado mais alto sobre a escala da atenção, sendo estes dois tipos de “percepções” simultâneas e relacionadas:

“A consciência de som da palavra tem manifestamente por função, não reter o primeiro ponto que é realizado nela, mas conduzi-lo à consciência de significação que foi estimulada simultaneamente. [...]. Existe aqui precisamente uma unidade fenomenológica particular entre consciência de som da palavra e consciência de significação”. (1995: p. 45)<sup>2</sup> De maneira que se alguém desejar exprimir esta conjunção dos temas perceptivos e semiológicos segundo o esquema usual do curso de Linguística Geral, seria conveniente dessimetrizar os dois termos da dualidade. A simetria entre os dois planos que supõem uma tematização mínima pode ser um fato tanto do linguista (tematização metalinguística) como do locutor (tematização epilinguística)<sup>3</sup>. Em outras palavras, a dualidade significante/significado deve fazer o objeto de uma compreensão de acordo com o lugar que lhe é atribuído em um eixo que opõe pontos de vista

---

<sup>1</sup> Em ordem decrescente, na escala de atenção: visão temática, comentário primário e comentário secundário, em segundo plano. (cf. Husserl, 1995: pp.40-44).

<sup>2</sup> Sobre a relação desta análise de Husserl com a perspectiva semiológica saussuriana, nós seguimos totalmente a conclusão de Piotrowski: “a organicidade dos constituintes do signo procede de sua modalização na unidade do campo atencional da consciência; os atos de intenção significativa instituem as consciências de som de palavra e de significação enquanto tais, nas posições interdependentes de objetos numa visão primária (percepção) e temática (significação); estas posições expõem, exaustivamente, seus caracteres fenomenológicos respectivos e permitem dar conta da unidade duplamente fusional e dissimétrica do significado e do significante”. (2012: p.118 à 119 )

<sup>3</sup> É interessante notar que Husserl evoca esta possibilidade no mesmo capítulo e na mesma sessão que contem as reflexões apresentadas acima: “Existe aqui, precisamente, uma unidade fenomenológica particular entre consciência de som de palavra e consciência de significação. *É sobre ela que se fundam, em seguida, possibilidades essenciais de modificação, como, por exemplo, estas possibilidades que consistem em retornar ao interesse, a resistir à tendência que conduz ao tema da significação, o que faz com que a palavra, com o caráter fenomenológico do conjunto, torne-se outra, perca sua significação normal.*” (1995: p.46, nos sublinhamos )

metodológicos, a divisão entre significante e significado é nítida e, vale dizer *a priori* que a ideia semiológica fundamental de uma indissociabilidade do significante e do significado representam então, essencialmente, com o princípio epistemológico que administra as manipulações (comutação, substituição, etc) às quais se entrega o linguista, mas, se é deslocada sobre este eixo o *curseau* em direção à posição real do locutor, a distinção significante/significado torna-se, então, muito menos segura a mesma indissociabilidade que se relê antes na unidade fenomenológica da forma-sentido enunciada ou interpretada e a proeminência do plano do significado na consciência. Esta primeira oposição torna-se, entretanto, complexa com o fato de que a atividade linguística dos locutores consiste frequentemente em fazer variar o *curseau* por exemplo, nas frases epilinguísticas, que reformulam, nas quais os significantes são tematizados como diversamente adequados (conotação, eufemia/blasfêmia, reformulação, etc.) por uma ideia a ser expressa, o que faz retornar, em definitivo, à tematização da própria semiose e dar, de fato, mais nitidez a oposição do significante e do significado. Se a nitidez máxima do vis-à-vis do significante e do significado é adquirida ao preço de uma operação de tematização forte, é necessário, todavia, prever que existe, de um lado esta posição e, de outro, a atitude locucional natural, na qual, prevalece o significado, um *continuum* sobre o qual, poderíamos observar indiferenciações e inversões de fases entre planos. É sobre isto que nos parece insistir a ideia de estiramento na passagem seguinte do estudo recente de Rosenthal e Visetti (1999 p.177-252) sobre a questão da expressão numa perspectiva microgenética, onde uma das questões é, precisamente, melhor descrever esta profundidade do campo perspectivo e a repartição entre o que eles preferem chamar expressão e conteúdo.

É própria de toda semiose [...] introduzir na experiência aquilo que podemos chamar uma profundidade, polarizada entre um plano da manifestação e um plano do conteúdo [...] caráter paradoxal da expressão (...) uma vez que a profundidade liberada pode se alargar até se separar em dois planos desde então dissociados – o expresso X que se torna conteúdo e o que exprime Y expressão (2008: p 179-187).

Reconhecer tal necessidade de elaborar um modelo de campo susceptível de conhecer graus de polarização entre, principalmente, planos semióticos, consiste, essencialmente em poupar um espaço descritivo para variações possíveis, sem que ainda o problema das normas próprias do domínio considerado tenha sido posto. Assim, as tematizações epilinguísticas mencionadas acima necessitariam ainda evocar as possíveis estilizações, regularidades genéricas etc que administram os requisitos atencionais de cada um dos planos e os modos de significância (cf o exemplo clássico da rima na

poesia). De fato, se as formulações tomadas de empréstimo da fenomenologia da linguagem que acabamos de apresentar nos permitem ilustrar a necessidade de estender a problemática da percepção semântica àquela de uma percepção semiótica que a incluiria. Resta que a generalidade, tanto fenomenológica quanto semiótica, dessas considerações implica que elas sejam especificadas em função do domínio de objetividade concernente em ocorrência linguística. A questão que é necessária colocar é a da possibilidade de objetivação linguística deste tipo de reflexão: mais precisamente, podemos encontrar, nas formas de objetividade linguística e, em particular, em suas unidades, certas propriedades de campo evocadas, o que determinará, afinal, o caráter operatório sobre um plano descritivo das preocupações teóricas precedentes. Entre as classes de objetos linguísticos sobre as quais poderíamos aplicar a análise, escolhemos o conceito de item lexical da tradição contextual anglo-saxônica, tipo de fenômeno que permite aceder, tendo como efeito o interesse de estar situado em um patamar intermediário de análise, entre lexema e enunciado, suscetível de ser descrito segundo estas duas modalidades e de fazer assim comunicar setores, por vezes muito fechados da descrição linguística. Aliás, as finalidades lexicográficas que, durante muito tempo, constituíram o horizonte do paradigma teórico, no seio do qual o conceito de item lexical foi trabalhado são, finalmente, isentas das preocupações perceptivistas que são as nossas aqui e nos pareceu significativo que os resultados obtidos num quadro dessa natureza sejam suscetíveis de tornar-se objeto de uma retomada coerente em nossa perspectiva. Estabeleçamos imediatamente que, partindo do item lexical, não procuremos aí limitar o escopo de nossas análises, a não ser que pensemos em seus princípios generalizáveis, pelo menos, em entidades próximas como construções, colocações etc<sup>4</sup>. Interessar-nos-á, assim e, sobretudo o item lexical, enquanto puder inspirar um modelo perceptivo geral do signo linguístico.

## 2) O item lexical como modelo perceptivo do signo

Elaborado por Sinclair numa série de artigos<sup>5</sup> reagrupados em Sinclair (2004), o conceito de item lexical designa unidades que não são completamente, nem lexemas, nem sintagmas ou locuções, mas configurações complexas que somente podem ser determinadas em um *corpus* a partir de estudos de ocorrências. Esta configuração contém, no máximo: (i) núcleo; (ii) colocações e coligações; (iii) preferências

---

<sup>4</sup> Estas análises são, aliás, largamente inspiradas naquelas propostas desde 2006 por Cadiot e Visetti que estenderam, progressivamente, suas análises às construções fraseológicas e provérbios.

<sup>5</sup> Em particular “The search for units of meaning (1996) e The lexical item (1998)”.



semânticas e (iv) uma prosódia semântica<sup>6</sup>, sendo obrigatórios somente o núcleo e a prosódia. O núcleo é o ponto de entrada para a pesquisa de um item lexical. Para citar um exemplo, Sinclair (2004: p. 30-34), mostrou pela análise exocêntrica do entorno esquerdo de *naked eye*, que este núcleo:

- ◆ entra em *colocação* com *the* em 95% de suas ocorrências;
- ◆ entra em *coligação* com as preposições *with* e *to* em 90% de suas ocorrências;
- ◆ entretém preferência semântica com uma classe semântica /visibilidade/;
- ◆ manifesta uma prosódia semântica de /dificuldade/ em 85% de suas ocorrências.

Estrutura do item lexical			
Prosódia semântica	Preferência semântica	colocações/coligações	núcleo
/dificuldade/  <i>difficult, weak, faint,</i>	/visibilidade/  <i>see, visible, spot, appear, perceived, apparent, undetectable</i>	  <i>with, to, the</i>	  <i>naked eye</i>

Enunciados como *too faint to be seen with the naked eye* ou *it is not really visible to the naked eye* manifestam, assim, quatro componentes do item lexical *naked eye*. Uma vez que os conceitos de colocações e coligações são bem conhecidos, vamos destacar aqui o de prosódia semântica, sublinhando quatro aspectos que interessam a nosso propósito:

(i) *Internacionalização das prosódias semânticas pelo núcleo*. É um aspecto das prosódias sobre o qual, notadamente, vem insistindo Louw (1993) que caracteriza um fenômeno próximo do conceito de referência contextual de Rastier (1987). O princípio essencial é aquele da impregnação de certas unidades por outras, tendo o núcleo em ocorrência a capacidade de repatriar os valores semânticos das prosódias e preferências. Mas, o essencial a observar aqui é, sobretudo, a grande variabilidade de saliência perceptiva destas prosódias no núcleo. Assim, se em um núcleo como *traiter de* em francês, a maioria dos locutores pode, facilmente, antecipar uma

<sup>6</sup> Introduzido por Louw (1993) depois desenvolvido paralelamente por Sinclair, o conceito de prosódia semântica foi definido, assim, por Louw (2000) “a semântica prosódica refere-se a uma forma de significado que se estabelece pela proximidade de uma série consistente de colocações, muitas vezes caracterizáveis como positivas ou negativas e, cuja função primária, é a expressão da atitude do falante ou do escritor em relação a alguma situação pragmática”.

prosódia semântica depreciativa (cf. anexo 1), em outros verbos como *friser* ou *frôler*, esta perceptividade da prosódia, embora maioria no exame do *corpus*, parece que se torna mais delicada (cf. anexo 1A). Pudemos constatar, por exemplo, que, em um *corpus* de avaliação de agentes funcionários, todas as ocorrências de *certaines* e *parfois* que apareciam nos contextos de avaliação negativa, na maioria dos casos, estão semanticamente correlacionados com uma reserva do avaliador num contexto mais amplo de avaliação positiva. Ao passo que as ocorrências de *toutes* e *toujours* estão semanticamente associadas a avaliações positivas, cujos avaliadores foram os primeiros a surpreenderem (cf anexo 2). Deste ponto de vista, o caráter muitas vezes “infra-perceptivo” das prosódias semânticas interessa, diretamente, à teoria dos fundos semânticos, sendo necessário poder correlacionar as variações de saliências das prosódias com a oposição de forma/fundo<sup>7</sup>.

(ii) *Um significante inacessível, um significado difícil de interpretar.* Se as preferências semânticas não têm significante fixo, uma vez que se trata de uma classe semântica que entra em coocorrência com o núcleo, as prosódias são, por outro lado, muitas vezes, difíceis de localizar nos seus intervalos de manifestação. Sinclair observa a propósito da prosódia que ela:

não é assunto de nenhuma convenção de realização linguística, mas, apenas, o é de uma variação enorme, tornando-se difícil para o homem ou para o computador descobri-la, com segurança. Ela é um elemento de postura sutil, na maioria das vezes de sentido pragmático e não existe, às vezes, palavra na língua que possa ser usada como rótulo descritivo para isto.

De fato, a prosódia semântica não encontra, necessariamente, ponto de fixação sobre uma zona do item (lexical) e, assim, qualifica-o, integralmente. Observa-se, facilmente, sobre a concordância de *parfois* (no anexo 3): por exemplo, em “un léger manque d’empathie peut parfois ternir ses qualités humaines”<sup>8</sup>, identificam-se lexicalizações de valores negativos em *manque* e *ternir* (aliás, imediatamente eufemizadas por *léger* e *peut*) mas, no final, a ideia de reserva do avaliador não pertence exatamente a nenhum dos lexemas que constituem o item (cujas fronteiras são aqui particularmente difíceis de circunscrever na medida em que contêm apenas um núcleo e uma prosódia semântica). De modo complementar, a esta característica que não se pode assinalar em uma zona do item, a explicação do valor semântico da prosódia torna-se,

<sup>7</sup> Aliás, encontra-se, ali, igualmente uma questão *lancinante* em linguística do *corpus* que diz respeito ao valor semântico que se pode destinar a ocorrências estatisticamente significativas.

<sup>8</sup> “uma leve falta de empatia pode, às vezes, manchar suas qualidades humanas” (NT)

muitas vezes, difícil e pode justificar *o recurso* a interpretações perifrásticas complexas. Assim, para o verbo *to budge*, Sinclair lexicalizou a prosódia da forma seguinte: “o usuário deseja expressar ou reportar frustrações (ou uma emoção similar) com a recusa ou inabilidade de algum obstáculo a ser removido, apesar da pressão a ser aplicada”.

Pode-se correlacionar estes dois primeiros pontos, observando que, quanto mais a prosódia semântica for perceptível, mais sua lexicalização será igualmente simples, susceptível, por exemplo, de encontrar uma formulação condensada (por exemplo, /insulte/ por “traiter de”) e, mais ainda, sua lexicalização será, facilmente, identificável em um ponto da cadeia. Em suma, perceptibilidade, localização e lexicalização estão correlacionadas, fazendo seu cruzamento passar sem solução de continuidade das prosódias às preferências semânticas<sup>9</sup>.

(iii) *O valor pragmático das prosódias*. Nos modelos teóricos que assumem a divisão dos limites entre semântica e pragmática, as prosódias estão claramente do lado pragmático. Numa perspectiva que recusaria uma separação bem nítida, dir-se-ia que as prosódias estão, preferencialmente, do lado subjetivo de um eixo objetivo/subjetivo e que elas manifestam a *posição* (entendida em um sentido mais amplo) do locutor em relação à situação e mantêm, portanto, afinidades com modalidades, avaliação em direção dos valores ilocutórios. Assim, a título de exemplos, *difficulté*/para *naked eye*, Sinclair substitui a prosódia /*impossibilité* / por /*true feelings* /*menace*/, com forte carga emocional, por /*to brook*/, ou ainda, /*invitation informelle*/ por *my place* (em todos os casos, nós simplificamos as interpretações). Este caráter subjetivo, que traduz a posição do locutor é, aliás, uma das razões que motivou a denominação prosódica semântica.

(iv) *O caráter funcional das prosódias semânticas*: Sinclair sublinha:

A prosódia semântica de um item é a razão por que ele foi escolhido acima das preferências semânticas que também o caracterizam. A frase inteira deve ser vista como resultado de uma escolha singular, sem dúvida alguma, uma série de escolhas subsidiárias internas. A escolha inicial da prosódia semântica é a escolha funcional que liga o significado ao propósito; todas as escolhas subseqüentes no âmbito do item lexical relacionam-se com a prosódia. (2004, p. 32 e 144).

Este caráter funcional das prosódias é essencial, pois é em parte sobre ele que repousa a intuição do caráter unitário que se pode conferir ao item por inteiro, se concordarmos que a capacidade não é o único critério que caracteriza

<sup>9</sup> Identifica-se, portanto, logo, uma diferença de grau entre os dois. Não é raro, aliás, que um mesmo termo lexicalise prosódia e preferência: este seria o caso de “invisible” em “invisible to the naked eye”.

uma unidade, mas que é necessário, igualmente, integrar a unicidade daquilo que motiva a expressão concreta desta unidade por inteiro<sup>10</sup>. Em nossa perspectiva, esta consequência do princípio idiomático se reveste de uma grande importância, pois permite romper com uma concepção talvez muito simples da representação da enunciação como uma sucessão monótona de escolhas paradigmáticas realizadas em diferentes pontos da cadeia sintagmática, qualquer que seja, aliás, a extensão da unidade escolhida (morfema, lexema, locução etc). Notadamente, aquilo que leva a sugerir que a concepção linguística tradicional que distingue nos graus de solidificação (por exemplo, sintagma livre < preferência semântica < colocação < locução) grandezas diversamente integradas na língua pode ser completada com o argumento de que estes diferentes graus de característica rotineira participam, na realidade, de formas unitárias em graus variáveis de semiotização; dito de outra maneira, formas cujas partes diferentes não são equivalentes em seus graus de correlação entre planos do significante e do significado. Isto ilustra a variabilidade de correlação e de dominância<sup>11</sup> entre significado e significante, no seio do item lexical: ao núcleo, corresponde um significante fixo que, se o isolamos de seus contextos, tem a capacidade de repatriar valores ambientais. A partir das preferências semânticas é, ao contrário, o significado que domina e embora existam, ainda, lexicalizações prototípicas (*see* e *visible* são, por exemplo, paragões no caso de *naked eye*), somente o traço semântico /visibilidade/ é necessário. Quanto às prosódias semânticas, o valor manifestado não é mais necessariamente lexicalizado e torna-se uma qualidade global da sequência linguística. Sobre o esquema seguinte, a signo linguístico, tal como é geralmente entendido, situar-se-ia assim num grau máximo de correlação entre significante e significado:

---

<sup>10</sup> Martinet não fazia uma escolha diferente em identificar os monemas descontínuos. Assim, em /*lezanimopes*/ os animais pastam, próximo de /*lanimalpè*/ o animal pasta, o signo “plural” recebe três expressões distintas: /*leza...*/ no lugar de /*la*/, /*.....mo...*/ no lugar de /*...mal....*/ e /*.....pes....*/ (.....). Existe, ali, bem entendido, um único monema de plural (...)” (Martinet, 1980: p. 105)

<sup>11</sup> Nos retomamos esta ideia de dominância entre os planos de Rastier (2005).

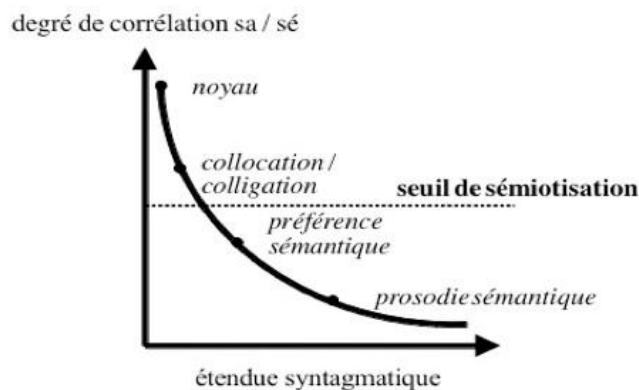


FIGURA 1

Assim, quanto mais a extensão sintagmática de manifestação das unidades for importante, mais o significado leva vantagem sobre o significante. Não é necessário ver ali uma forma de conceptualismo em contradição com o princípio de unidades de duas faces. O enfraquecimento do significante não implica que as unidades sejam puramente conceituais, mas, simplesmente, que sua localização nem sempre é estritamente determinável<sup>12</sup>. Pelo contrário, a brevidade e a estabilidade do núcleo lhe permitem funcionar como atrativo para significados de outras partes do item lexical que, internalizados, pode dar a alusão de ser uma unidade SA/SE simples.

Se a funcionalidade das prosódias semânticas deve, evidentemente, ser colocada em relação com o princípio de idiomaticidade que defende uma linguística como a de J. Sinclair, pode, igualmente, ser compreendida segundo outras expectativas mais atentas a certas propriedades fenomenológicas da palavra. Se, com efeito, é necessário considerar a escolha da prosódia semântica como a primeira efetuada pelo locutor, que vai, em seguida, condicionar outras “subsequentes” no seio do item. É, então, o caráter motivacional da prosódia que é necessário reconhecer, sua afinidade com um querer-dizer inicial do locutor, considerado numa formulação que lhe escapa sempre um pouco, sobretudo porque ela já está parcialmente formulada na língua. Poderíamos ver lá um

<sup>12</sup> Isto aparecerá, talvez, mas claramente, se transpusermos a reflexão para outra escala, textual, por exemplo, nível onde se pode identificar aquilo que Bouquet propôs designar como significado suprasegmental para certos tipos de valores semânticos que qualificam textos inteiros: “Os valores globais do significado suprasegmental, por sua parte, respondem, por definição, pela integralidade da unidade suprasegmental considerada, dita texto. Nomearemos gênero – em sentido técnico – este significado suprasegmental (...). Estes traços serão susceptíveis de consignar valores de natureza diversa – que pertencem, usualmente, a categorias nomeadas *discurso, tipo, modo, campo genérico, subgênero, registro, domínio, nível, etc* – que conferem assim sua unidade aos textos analisados (quer estes textos sejam uma holofrase, ou uma obra de três mil páginas). (Bouquet, 2007: p.52). /romance/ está para *Madame Bovary*, assim como, prosódia semântica está para seu item lexical.”

corolário semiolinguístico desta observação de Merleau-Ponty sobre a experiência da palavra

(...) aquele que fala ou que escreve é, antes de tudo, mudo, orientado em direção a aquilo que ele quer significar, em direção àquilo que ele vai dizer e, subitamente, o fluxo das palavras vem em socorro deste silêncio e lhe dá um equivalente tão justo, tão capaz de permitir ao próprio escritor seu pensamento quando ele o tiver esquecido que é necessário acreditar que ela já era falada no mundo (1969, p. 11).”

De sorte que a variação de dominância entre planos que esquematiza a figura precedente pode, numa perspectiva, desta feita enunciativa, igualmente ser lida com um “balanceamento semiótico” do significado em direção ao significante ou, mais precisamente, como uma semiotização progressiva deste querer-dizer nas formas da língua, querer-dizer cujo enunciado, finalmente proferido, é, de alguma forma, o rastro. E, certamente, da mesma forma que na geometria, o fato físico de um novo traço não é mas uma construção. Nas artes da palavra, a existência física dos sons, o traço das letras sobre o papel, ou mesmo a presença de fato de tais palavras, no sentido que dá o dicionário, de tais frases feitas, não é suficiente para fazer o sentido: “a operação tem seu interior e toda a sequência das palavras não é senão o rastro, indica apenas pontos de passagem.” (Merleau-Ponty 1969:p 189).

Deveríamos, a partir destas primeiras reflexões e tentativas de caracterização, começar a ver melhor o tipo de fenomenalidade semiolinguística que permite acender o conceito de item lexical e, mesmo que ele tenha sido elaborado num quadro problemático a menor de nossas preocupações, permite-nos, entretanto, formular respostas para as interrogações iniciais sobre as modalidades de conciliação dos temas perceptivos e semióticos, notadamente aquelas relativas à questão da forma das unidades. Bem entendido, poderíamos nos contentar em considerar os núcleos como unidades e afirmar, numa perspectiva, em definitivo, muito clássica<sup>13</sup> que é necessário estudar seu entorno contextual para conhecer melhor sua identidade. Mas, parando ali, iríamos reconduzi-lo, então, a uma espécie de modelo concatenatório que resulta a observação das produções linguísticas sobre o modelo de um “colar de signos”, qualquer que seja, aliás, a extensão sintagmática que reconhecamos no conceito de signo. Compreendemos, portanto, o interesse que se pode ter aqui para seguir Sinclair quando ele passa da constatação da frequência e da força das coocorrências entre palavras, classes de palavra, etc à conclusão de que, na pesquisa das unidades de

---

<sup>13</sup> cf. O famoso *you shall know a word by the company it keeps* firthien.

significação: “devemos ampliar nossos horizontes e esperar que as unidades de sentido sejam bem mais extensas e variadas do que as vistas numa simples palavras”. Em nosso ponto de vista, este fato reverte totalmente a maneira habitual de formular o problema: antes de partir do signo diádico já dado, simétrico, etc., o qual procuraremos em seguida situar em relação às oposições reguladoras (língua/fala; paradigma / sintagma etc.) consideraremos estes últimos (aos quais anexaremos, ainda, um eixo significante / significado, uma vez que consideramos que ele também está para conquistar ) como os eixos de desenvolvimento de um campo imediatamente perceptivo e semiótico, no seio do qual serão identificados os efeitos das unidades, tanto quanto suas condições eventuais de aparição. Assim, o essencial é que autorizando-o a modular sobre as dimensões precedentes, pode-se descrever as unidades de uma mereologia complexa que fazem ver melhor a profundidade do campo, o item lexical que aparece no final, como uma espécie de desdobramento semiótico parcial. A título de aprofundamento, podemos já formular as notas seguintes, sobre os eixos de discernimentos usuais.

(i) *Eixo significante/significado*. O princípio de semioticidade (relação necessária entre as duas faces do signo) deve ser precisado, o que implica a ocorrência de reencontrar uma (*defectividade*) ausência parcial da unidade, variável segundo aquilo que se considera a zona das preferências semânticas, ou das prosódias. A variação se efetua entre: a) um ponto focal do campo ocupado pelo núcleo cuja qualidade de Gestalt é garantia de uma semioticidade máxima; b) uma zona intermediária (preferência semântica) cuja extensão de manifestação é, entretanto, relativamente limitada e nele a semioticidade é mais fraca, desde que a manifestante da classe semântica seja variável; c) uma espécie de halo (prosódia semântica) que contorna toda a zona, com um grau muito fraco de semiotização, a tal ponto que poderíamos, aliás, simplesmente, falar de fundo semântico, migrando, progressivamente, de uma caracterização semiótica para 1 e 2 a uma caracterização essencialmente semântica para 3. Isto feito e relativamente à questão inicial de uma percepção imediatamente semântica e nossa preocupação de lhe ajuntar, a montante, a problemática de uma percepção semiótica a partir do qual fosse possível derivar a primeira, observamos que tal apresentação das coisas permite colocar em relação, *sem solução de continuidade*, estas duas percepções, já que, por uma mesma unidade, somos levados

a reconhecer a prevalência de uma ou da outra<sup>14</sup>. É possível notar, aliás, que o nível onde são encontradas as unidades de formato comparável aos itens lexicais (construções, etc) constitui, neste ponto de vista, um estágio intermediário entre um nível inferior, onde se situam as unidades mais compactas (morfemas, lexemas), com uma semioticidade “estável”, e um nível superior (o período e o que está além dele) no qual se observa, ao contrário, uma ausência generalizada<sup>15</sup>: do primeiro. Ela conserva a brevidade que permite a memorização<sup>16</sup> e torna psicologicamente credíveis os fenômenos de aferência ou de impregnação. Com o segundo, “além de algumas ausências”, ela separa as relações paratópicas e isotópicas características. Deste ponto de vista, os tipos de fenômenos estudados aqui aparecem como uma “cadeia que falta”, particularmente digna de interesse para uma semântica preocupada em propor modelos unificados dos funcionamentos lexicais e textuais:

(ii) *Eixo compacto/difuso*. Sobre esta questão e, no prolongamento da nota precedente, tomaremos, por nossa conta, as observações seguintes de V. Rosenthal e Y – M Visetti.

Em razão do metabolismo constante entre formas compactas e formais estendidas (elas próprias percebidas de forma mais ou menos holística), uma unidade (por exemplo, um lexema, com certo nível de seu semantismo) identificar-se-á, naturalmente, com uma rede de formas englobantes e/ou solidárias (colocações, coligações, fraseologias, idiomatismos), da qual, ela se torna, de uma só vez, o índice essencial e o conjunto de contração. A forma local é somente um ponto de condensação, ou de fixação num percurso, cujos resultados atestam apenas o nível de formas e de campos mais englobantes (2006, p. 224).

Sem colocar, portanto, a alternativa entre formas compactas e estendidas, contestar-se-á logo, nas unidades concretas, um redobramento entre uma zona intensa e uma zona extensa, uma espécie de oposição participativa entre um núcleo que, de um lado, atrai, depois sedimenta valores contextuais e outros que compõem outro item. Este fenômeno, perfeitamente geral, e que ultrapassa largamente o caso das unidades de tipo “item lexical” testemunha a generalidade das relações de isotopia e de paratopia em todos os patamares de análise, assim como, sua complementaridade (Missire, zalo). É

---

<sup>14</sup> Observemos, entretanto, que não há, daqui em diante, nenhum interesse em manter esta oposição percepção semântica/percepção semiótica uma vez que a segunda implica a primeira.

<sup>15</sup> Para defectividade generalizada, caracterizamos as unidades, nas quais todas as manifestações são variáveis: assim as ocorrências entre semas que definem as formas semânticas são avaliadas pela extração de invariantes nas formas de sinonímia ampliada que podem ter um valor fraseológico (ultrapassar as bordas, pular os limites) ou não (O livro se articula em três partes, a obra se ordena em três seções, etc). Sobre estes fenômenos de “co-ocorrência de sentido”, cf. notadamente Siepman, 2006.

<sup>16</sup> Memorização que aparece, entretanto, nas expressões formulares do tipo proverbial e que manifesta, aliás, fenômenos próximos daqueles que descrevemos aqui (cf. Visetti, Cadiot, 2006).



necessário, então, insistir sobre o fato que privilegia o estudo das formas mais compactas e memorizáveis, como o são os núcleos (numa perspectiva lexicológica standard), ou então o estudo de versões mais diferenciadas e analíticas comparáveis aos itens lexicais (não se trata, bem entendido, de limitarmo-nos à cartografia proposta por Sinclair e podermos, de fato, estendê-la ao estudo das construções) não é uma alternativa cuja face seria necessário escolher, em função das preferências disciplinares e outras, pois o objetivo é bastante anterior ao de dar conta e de descrever a co-presença concreta destas versões amalgamadas e acumuladas das formas semióticas.

(iii) *Eixo paradigmático e sintagmático*. A leitura desta oposição, no quadro precedente, não me parece instalar este problema porque seu desempenho se assemelha àquele que se encontra em fenômenos bem conhecidos, como as restrições de seleção. Portanto, sustentaremos, sobretudo, que o eixo paradigmático não deve, unicamente, ser considerado como uma dimensão externa, sobre o qual estão dispostas unidades cuja escolha o locutor teria feito no momento da enunciação, o que, evidentemente, é também um eixo de variação interna para a unidade em algumas de suas localidades (cf. variações de lexicalização das preferências semânticas). Tratando-se, aliás, da sintagmática interna da unidade, mencionaremos, sobre a carga de aprofundamentos, sobretudo para o francês, a constatação de Sinclair de que o núcleo é frequentemente situado no final do item: se estas primeiras observações se confirmassem, elas deixariam aparecer um modelo de produção tendencialmente organizado para uma ordem descondensação → condensação que faria do núcleo uma cifra do gesto enunciativo, vindo, linguisticamente, a responder ao querer-dizer inicial. A imagem do rastro que nós retomamos antes de Merleau-Ponty deveria, então, completar-se com aquela da bola de neve: se o fluxo das palavras proferidas em resposta ao querer dizer constitui um rastro, a forma deste rastro seria de certa maneira cumulativa, a zona final da proferição que é, aliás, logicamente, um lugar propício a síntese daquilo que se iniciava precedentemente<sup>17</sup>. Diferenciação semiótica e sintagmática das unidades que podemos, sempre, considerar nos formatos mais absorvidos, o item lexical o é igualmente, na medida

---

<sup>17</sup> Notar-se-á, aliás, que esta ordem que vai de elementos acumulados em direção à aqueles que o são menos é a mesma que encontramos em numerosos enunciados orais não planificados, nos quais a periferia esquerda justapõe unidades rítmicas monossêmicas que acumulam modalidades, casa enunciativa, quadro isotópico, etc. (cf notadamente Missire, Rouayrenc, (2014), certamente sem que a segunda parte do enunciado retome, em seguida, estes elementos, de maneira cumulativa, o que seria, portanto, o caso dentro do item lexical.

em que um paralelismo pode ser estabelecido entre os tipos de valores semânticos respectivamente investidos nas prosódias semânticas e as preferências semânticas de uma parte e as frases de sentido que Cadiot e Visetti chamaram motivos e perfis no seu modelo da diversidade lexical, de outra parte (Cadiot, Visetti, 2001): como afinidades entre motivos e prosódias, podemos, efetivamente, evocar assim o valor ‘motivacional’, que mencionamos precedentemente a propósito das prosódias, o investimento frequente de valores semânticos típicos (subjetivo, avaliativo, modal, axiológico) assim como a dificuldade encontrada para denominá-los de forma sintética que justifique as interpretações metalinguísticas, por justaposição de esboços, que tomam, muitas vezes, a forma de pequenos textos<sup>18</sup>. Por outro lado, encontraremos, para as preferências semânticas e os perfis, o mesmo tipo de lógica paradigmática (i.e. lógica de classes) que se deixam mais facilmente aproximar por uma denominação sintética. De certa forma, o desdobramento semiótico de que se compõe um item lexical parece, noutra local, poder justificar-se com um início de sintagmatização de fases de sentido evocadas, aliás, mais fáceis de perceber, assim como o formato restrito de um núcleo, no qual elas são, por definição, mais indiferenciadas.

Tradução de Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista

---

<sup>18</sup> Seria necessário, de fato, para completar, mencionar, igualmente, as afinidades entre prosódia semântica, isotopia e motivo e entre prosódia semântica e isotopia, existe, bem entendido, certa vocação para a qualificação sintagmática ampla que caracteriza os fundos semânticos. Sublinhamos, aliás, a proximidade entre isotopia e motivo, argumentando que as lexicalizações das isotopias, ditas “específicas” (que nós achamos mais apropriado denominar “heterosistemáticas”) justificavam o recurso a lexemas. Estes portam motivos cuja variação interna da isotopia em diferentes pontos da cadeia sintagmática pode ser “captada” pela abertura e a indeterminação funcional dos motivos. (cf. Missire, 2005: pp. 174-184).

## Bibliografia

BEDNAREK M. (2008), Semantic preference and semantic prosody re-examined, dans **Corpus linguistics and linguistic theory**, 4-2, pp. 119-139.

BOUQUET S. (2007), Linguistique, interprétation et poésie, réponse à une "réclamation" d'Yves Bonnefoy, dans D. Lançon, P. Née (Eds), **Yves Bonnefoy, poésie, savoirs et recherche**, Paris: Hermann.

CADIOT P., VISETTI Y.-M. (2001), **Pour une théorie des formes sémantiques, Motifs, Profils, Thèmes**, Paris, PUF.

HUSSERL E. (1995), **Leçons sur la théorie de la signification**, Vrin, coll. Bibliothèques des textes philosophiques.

LOUW W. E. (1993), Irony in the text or insincerity in the writer? The diagnostic potential of semantic prosodies. In M. Baker, G. Francis, E. Tognini-Bonelli (Eds.), **Text and technology; in honour of John Sinclair**, Amsterdam : John Benjamins.

LOUW W. E. (2000), Contextual prosodic theory: bringing semantic prosodies to life, In C. Heffer and H. Sauntson (Eds) **Words in Context, A tribute to John Sinclair. On his Retirement**, (p. 49-94), Birmingham: University of Birmingham. Réédité sur Texto ! Corpus et trucs, mis à jour le : 22/07/2008, URL: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=124>.

MARTINET A. (1960/1980), **Éléments de linguistique générale**, Paris: Armand Colin.

MERLEAU-PONTY M. (1969), **La prose du monde**, Gallimard.

MISSIRE R. (2005), **Sémantique des textes et modèle morphosémantique de l'interprétation**, Thèse de l'Université de Toulouse II.

MISSIRE R. (2007), Rythmes sémantiques et temporalité des parcours interprétatifs, dans M. Ballabriga, P. Mpondo-Dicka (Dir.), **Rythme, Sens et textualités, Linguistique, sémiotique du discours, sémantique des textes, rhétorique, stylistique, poétique**, Éditions Universitaires du Sud, pp. 75-115.

MISSIRE R. (2010), Unités linguistiques à signifiant discontinu, du morphème au texte – une approche néo-saussurienne, dans J.-P. Bronckart, C. Bota, E. Bulea (Eds.), **Le projet de Ferdinand de Saussure**, chap. 14, Genève, Droz, pp. 289-312.

\_\_\_\_\_ Unidades linguísticas de significantes descontinuos, do morfema ao texto, *Uma abordagem neossaussuriana*, in J.-P. Bronckart, C. Bota, E. Bulea (Organizadores), **O projeto de Ferdinand de Saussure**, 2014, Fortaleza, Parole.

MISSIRE R., ROUAYRENC C (2014), Contribution à la description du préambule en français oral spontané. In R. Missire., dir : **Approches sémantiques de l'oral**. Louvain (Belgique) : Academia, Sciences du langage : carrefours et point de vue, pp. 165-188.

PIOTROWSKI D. (2012), Morphodynamique du signe III. Signification phénoménologique in **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 65, pp. 103-123.

RASTIER F. (1987), **Sémantique interprétative**, Paris, PUF.

RASTIER F. (1991), **Sémantique et recherche cognitive**, Paris, PUF.

RASTIER F. (2001), **Arts et sciences du texte**, Paris, PUF.

RASTIER F. (2003), Formes sémantiques et textualité, dans D. Legallois (Ed.), **Unité(s) du texte** (p. 99-114), Cahiers du Crisco, 12, Université de Caen.

- RASTIER F. (2007), « Passages ». *Corpus*, 6, Interprétation, contextes, codage.
- ROSENTHAL V., VISETTI Y.-M. (1999), Sens et temps de la Gestalt, *Intellectica*, 28, pp. 147-227.
- ROSENTHAL V., VISETTI Y.-M. (2008), Modèles et pensées de l'expression : perspectives microgénétiques, *Intellectica*, 50, pp. 177-252.
- SAUSSURE F. de (1972 [1916]), **Cours de linguistique générale**, Paris, Payot.
- SAUSSURE F. de (2002), **Écrits de linguistique générale**, Paris, Gallimard.
- SIEPMAN D. (2006), Collocations et dictionnaires d'apprentissage onomasiologiques bilingues : questions aux théoriciens et pistes pour l'avenir dans F. J. Hausmann, P. Blumenthal, *Collocations, corpus, dictionnaires, Langue Française*, juin 2006.
- SINCLAIR J. (2004), **Trust the text, language, corpus and discourse**, London, New York : Routledge.
- VISETTI Y.-M., CADIOT P. (2006), **Motifs et proverbes, essai de sémantique proverbiale**, Paris, PUF.
- WHITSITT S. (2005), A critique of the concept of semantic prosody, in **International journal of corpus linguistics**, vol. 10, n°3, pp. 283-305.

## ANEXOS

1. Cooccurrences de *Traiter de, friser, et frôler* dans le corpus Le Monde (1991-2000). Source *Les voisins du Monde* (<http://www.irit.fr:8080/voisinsdelemonde/>)

## ANEXOS

Prédicat			Argument		IM	↑ ↓	Fréquence	↑ ↓
Catégorie	Lemme	Relation	Catégorie	Lemme				
V	traiter	de	N	renégat	10.926			5
V	traiter	de	N	youpin	10.926			9
V	traiter	de	N	salope	10.926			9
V	traiter	de	S	fils de pute	10.926			5
V	traiter	de	S	sale juif	10.926			6
V	traiter	de	N	collabo	10.926			13
V	traiter	de	N	pédé	10.926			8
V	traiter	de	S	petit con	10.926			5
V	traiter	de	N	démagogue	10.926			6
V	traiter	de	N	fasciste	10.358			17
V	traiter	de	N	menteur	10.272			26
V	traiter	de	S	sujet de actualité	10.233			5
V	traiter	de	S	sujet grave	10.233			5
V	traiter	de	N	raciste	10.059			21
V	traiter	de	N	incapable	9.971			5
V	traiter	de	N	salaud	9.897			15
V	traiter	de	N	putain	9.763			5
V	traiter	de	N	crétin	9.582			6
V	traiter	de	N	antisémite	9.54			9
V	traiter	de	N	lâche	9.406			7
V	traiter	de	NP	judas	9.24			5
V	traiter	de	N	réactionnaire	9.203			5
V	traiter	de	N	escroc	9.192			6
V	traiter	de	N	irresponsable	8.96			7
V	traiter	de	N	pute	8.795			7
V	traiter	de	N	nègre	8.624			8
V	traiter	de	S	interdiction de essai	8.484			8
V	traiter	de	N	traître	8.265			22
V	traiter	de	N	imbécile	8.022			8
V	traiter	de	N	voyou	7.976			9
V	traiter	de	N	idiot	7.798			6
V	traiter	de	N	voleur	7.598			10
V	traiter	de	N	con	7.57			6

Anexo 1

Prédicat			Argument							
Catégorie	Lemme	Relation	Catégorie	Lemme	IM	↑	↓	Fréquence	↑	↓
V	frôler	obj	N	perversité	10.572					5
V	frôler	obj	N	burlesque	10.302					6
V	frôler	obj	N	hystérie	9.089					8
V	frôler	obj	N	ridicule	9.024					20
V	frôler	obj	N	caricature	8.615					14
V	frôler	obj	N	perfection	8.584					14
V	frôler	obj	N	délire	8.498					5
V	frôler	obj	N	absurde	8.466					6
V	frôler	obj	N	abîme	7.864					5
V	frôler	obj	N	barre	7.487					42
V	frôler	obj	N	folie	6.995					11
V	frôler	obj	N	désespoir	6.896					5
V	frôler	obj	N	catastrophe	6.781					20
V	frôler	obj	N	cinquante	6.674					6
V	frôler	obj	N	ennui	6.626					5
V	frôler	obj	N	faillite	6.242					7
V	frôler	obj	N	seuil	6.231					14
V	frôler	obj	N	exemplaire	6.137					16
V	frôler	obj	N	record	5.875					11
V	frôler	obj	N	incident	5.422					6
V	frôler	obj	N	drame	5.386					6
V	frôler	obj	N	limite	5.259					7
V	frôler	obj	N	mort	4.922					25
V	frôler	obj	N	majorité	4.915					26

### Anexo 1 A



	Forme	Lemme	Expr.	Initial	Final	Chain	Liste	Tout	Nb 43	CONCORDANCE
3 100b										est toujours sensible à la sécurité . seiz
3 105c										issances du métier , participation toujours plus active à la vie du servi
3 108c										connait son travail et veut toujours bien faire mais se complique
3 112c										fait correctement son travail et toujours disponible pour le bien de so
3 112d										nck fait très bien son travail et toujours avec sourire et assume très b
3 114c										ses techniques . seize aptitude toujours aussi bonne , meilleure conna
4 120b										trogène , ) . Toujours disponible , est
4 121c										certaines initiatives ne sont pas toujours menées à terme et abouties da
4 125b										iel qui lui est confié . est toujours ponctuel . quatorze
4 127c										tives , au vu du grade détenu , a toujours besoin de RE RE vérifier , ap
4 129c										ualité . quatorze exécute toujours efficacement son travail et r
4 132c										lisant . quatorze exécute toujours ses tâches mais veut toujours
4 132c										ute toujours ses tâches mais veut toujours en faire qu' à sa façon . 14
4 134b										atives tous les jours . dixsept toujours très présente . Bon jaugeage
4 138a										quatorze agent motivé , voulant toujours bien faire avec de bonnes ini
5 143a										a bon esprit d' équipe . est toujours prêt à aider ses collègues .
5 152d										érer les incompréhensions . Agent toujours disponible . quatorze
5 153b										es extérieures . 11 . 5 est toujours à l' écoute des demandes expr
5 156d										r les appels du public . dixhuit toujours de bonnes relations en généra
5 158a										toujours de très bonnes relations huma
5 158d										les fournisseurs . Ne répond pas toujours aux demandes de sa hiérarchie
5 159b										lations avec ses collègues et est toujours diplomate malgré la difficult
5 159d										les collaboratrices dans un cadre toujours ouvert on négocie ( organigra
6 161c										. Toutefois , ne porte pas toujours le message de la direction et

## Anexo 2

3 101b										analyse , rédaction , budget - ) parfois complexe à trouver . quatorze
3 103b										es . . ) . A l' inverse est parfois ouvertement critique sur le fo
3 111a										s la qualité . Les aptitudes sont parfois occultées par le manque de tem
4 118c										ation . très bon travail . Délais parfois difficiles à tenir . doi
4 119c										ntre communication et . Mais parfois difficulté au niveau du respec
4 123b										nsabilités . Respect des délais ( parfois difficile ) . quatorze
4 123d										aucoup d' initiatives heureuses , parfois décousues . Avait une tendance
4 123d										trop dire " j' me débrouille " et parfois à se retrouver avec le à probl
4 123d										une forte efficacité qui prouve à parfois trop faire , pousse à la désor
4 124c										e de manière passionnée et oublie parfois de hiérarchiser les dossiers o
4 129a										e rigueur et efficacité . Prend parfois certaines initiatives , notam
5 143a										la plupart des agents , a parfois du mal à collaborer avec certa
5 143b										de ses collaborateurs . Cela peut parfois nuire à l' efficacité de ses a
5 144a										En interne bonne transversalité . Parfois rapports trop frontaux . quinz
5 145b										ultés à gérer certaines relations parfois conflictuelles . quatorze la
5 147b										et a le sens de l' écoute . Veut parfois trop satisfaire . 15 . 5 De p
5 156c										ive à travailler dans des climats parfois difficiles . seize remarquabl
5 158d										solutions avec une pugnacité qui parfois le dessert . quatorze entreti
5 159a										Un léger manque d' empathie peut parfois ternir ces qualités humaines .
6 161c										e message de la direction et fuit parfois ses responsabilités ( magasin
6 166c										nomie . Les missions peuvent être parfois plus cadrées et mieux définies

## Anexo 3